

Joaquim Inojosa: *ousadia, energia e amizades* na construção do campo intelectual na cidade dos anos 1920

NATÁLIA CONCEIÇÃO SILVA BARROS¹

Uma grande vontade de escrever me supera neste momento. A brisa que vem do jardim defronte à casa em que resido é agradabilíssima. Sinto-me contente pelo ter conseguido neste mês de janeiro, refrear, de certa forma, os ímpetos eróticos do meu coração. E, todavia, continuo a amar com a mesma intensidade, convencendo-me, mesmo, de que o Amor é como certos corpos gasosos: quanto mais comprimidos maior a sua força. A grande paixão que ora domina e que, aliás, sempre me dominou, é a paixão pelos livros. Leio, estudo e escrevo o dia todo. À noite, uma ou duas horas. Pela manhã, quase sempre até às nove horas, escrevo. Às onze, 2ª interrupção de três horas para almoço, exercício e banho. Às duas horas da tarde recomeço a faina, até às cinco e meia. À noite, de 9 às 10 ou 11, conforme a predisposição de espírito. Às 6 horas, saio à rua para aborrecer-me com conversas ininstrutivas (sic) dos moços de minha terra espiritual. Nada se discute de aproveitável, e em muitas reuniões prefiro ficar silencioso horas a fio, presenciando asneiras, a emitir opiniões. Em tudo isso só aprecio a inércia da mocidade. E quanto mais inepta mais presunçosa. Meu lema adotado hoje é este: Hei de vencer, porque trabalho (INOJOSA, 1959: 19).

O encontro de uma atmosfera propícia aos estudos, uma postura diante dos livros, a construção de uma rotina estudantil, uma maneira de colocar-se diante dos seus contemporâneos e a definição de um projeto de vida emergem no relato acima e insinuam, dentre outros aspectos, como esse indivíduo se representa no tempo, como se define em relação a um grupo e como constrói suas relações sociais e trajetória pessoal. O trecho acima foi escrito pelo jovem Joaquim Inojosa em 10 de janeiro de 1920 e compõe o “livro íntimo” redigido pelo autor entre 1920 e 1921. Segundo o próprio Inojosa, tratava-se de um “livro de impressões da juventude” e ali iniciara um hábito que o acompanharia vida afora.² Além dos registros diários de seu cotidiano escolar e

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco. Professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco. Este artigo é parte da pesquisa de doutoramento intitulada Joaquim Inojosa: formação e atuação intelectual nos anos 1920, sob orientação do professor doutor Antonio Paulo de Moraes Rezende.

² Aqui ressaltamos a publicação de *Diário de um turista apressado*, com registros das suas viagens pela

profissional, o diário abriga as suas “*reflexões*”, ou seja, comentários sobre autores, livros, política, religião e demais “*marcas de um espírito preocupado com o futuro*”. As 359 páginas publicadas em formato de livro tiveram sua ortografia atualizada e os trechos são acompanhados de notas explicativas redigidas pelo autor em 1959. Na introdução de *O Diário de um estudante* percebemos a necessidade do autor em reafirmar o teor original dos escritos trazidos à tona. Essa escrita íntima ou escrita de si, possivelmente escrita e reescrita em tempos distintos, carrega e aciona marcas de subjetividades, fragmentos de trajetórias, lembranças e esquecimentos, “*pedaços da vida*” cuidadosamente narrados por seu outrora protagonista e agora autor. Não cabe questionarmos sua falsidade ou veracidade, é mais produtivo entendermos essa documentação como mapas que nos indicam caminhos possíveis de compreensão e interpretação de uma trajetória intelectual, com seus projetos pessoais, estéticos e políticos.

Na introdução do “livro íntimo”, Joaquim Inojosa, já jornalista, escritor e advogado, destaca: “sou um homem de arquivo pessoal, e creio que foi o gosto por essa forma de guardar “pedaços da vida” que me fez ter em lugar seguro, por tanto tempo, cadernos ou fichas, em cuidadosa ordem cronológica, que constituem a delícia de ter vivido.” De fato, nos vários livros publicados ao longo de sua vida, notamos o gosto desse intelectual³ por colecionar “fragmentos da própria existência”. Além dos diários, depoimentos de amigos e colegas de profissão, cartas, fotografias, trechos de matérias de jornais e revistas constituem-se em um rico e interessante acervo construído, conservado e, posteriormente, publicados por Inojosa. Uma documentação que nos revela o interesse desse sujeito em legar para a posteridade uma narrativa sobre si, um desejo de memória e história extremamente forte, tornando, por isso mesmo, sua leitura tão fascinante quanto perigosa para os historiadores. Isto porque “a perspectiva e as predileções do narrador moldam sua escolha e sua utilização dos materiais históricos, e

Itália, Argentina e Chile, entre 1953 e 1954. O livro foi publicado em 1960, contendo notas de atualização e esclarecimentos.

³ Intelectual é entendido nessa tese conforme a definição de Adauto Novaes, ou seja, *como aquele que encarna o espírito crítico, capaz ao mesmo tempo de reconstruir o passado e construir idealmente o futuro. É aquele que tenta infatigavelmente construir a si mesmo e a todas as coisas através de atos articulados do espírito. Aquele que está tanto mais próximo da ação e do poder quanto mais não se mistura com a ação e com o poder político. Ao mesmo tempo, ele não pode ser um desinteressado da política.* In: NOVAES, Adauto (org.). *O silêncio dos intelectuais*. São Paulo: Cia das Letras, 2006. P. 13.

as nossas determinam igualmente a escolha e utilização que deles fazemos. (...) Conhecer o futuro do passado força o historiador a moldar a sua narrativa de modo a fazê-la entrar em acordo com o ocorrido” (LOWENTHAL, 1998: 116). Portanto, é necessário acentuarmos que as fontes, narrativas e interpretações aqui contidas estão absolutamente envolvidas por diversas temporalidades e subjetividades, controladas no e pelo tempo histórico.

A percepção e o olhar de Inojosa sobre o mundo e sobre si eram construídos não apenas a partir dos livros e das redes sociais, esse sujeito captava as mudanças ao seu redor e era simultaneamente impregnado por elas. O cenário de sua formação, de suas escolhas e hesitações movia-se rapidamente. Suas experiências, ou seja, o encontro da sua mente com o mundo, de seu passado com o presente, dar-se-ão em uma época tão rica quanto complexa em termos de transformações nos planos econômicos, políticos, sociais e culturais. Inserido nas primeiras décadas do século passado, movendo-se num cenário de transição, ele construíra suas necessidades, seus objetos de desejo, suas ansiedades, vocabulário e gramática próprios para se expressar e se representar.⁴ Mas, qual era mesmo o palco das práticas de formação e inscrição social do moço Joaquim Inojosa?

As primeiras décadas do século XX eram de modificações na sociedade brasileira, com a transição de uma economia predominantemente agrária para uma economia marcadamente industrial, provocando no país a transferência dos centros de decisão para as cidades. O século passado trazia ainda a onda modernizadora que tomara conta das grandes cidades do mundo com o avanço do capitalismo. As cidades passavam por transformações significativas, para atender aos sonhos progressistas e facilitar o avanço da “verdadeira civilização”. O Brasil não estava excluído dessas aventuras de modernidade, no seu lado de concretização das mudanças urbanas que influíam no traçado das cidades, nos seus hábitos de higiene, nos seus desejos de consumo (REZENDE, 1997: 31-32). Em Pernambuco, o período que decorria entre o fim da Primeira Grande Guerra (1918) e a Revolução de Trinta, do ponto de vista econômico, era muito dinâmico, com o aumento do movimento do Porto do Recife apesar das grandes oscilações nos preços dos produtos de exportação (ANDRADE,

⁴ O conceito de experiência que permeia esse capítulo é tributário dos estudos de Peter Gay em *A educação dos sentidos: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Vol. 1.

1995: 13). A década de vinte, de aprendizado e de parte da atuação intelectual do jovem interiorano⁵ não foi de mudanças apenas políticas e econômicas, foi também de renovações em outros setores. A cidade do Recife se orgulhava de ser a quarta do Brasil em população (aproximadamente 238. 843 habitantes) e de se apresentar aos visitantes como uma cidade limpa e acolhedora (TEIXEIRA, 1994).

Mas, a feição moderna e o ritmo frenético do século XX já se delineavam alguns anos antes no Recife. Quando chega a cidade em 1915, como interno do Ginásio Aires Gama, Inojosa encontra ruas calçadas, luz e bondes elétricos, inaugurados em 1914, teatros e cinemas atuantes desde fins do século XIX, uma rede de esgotos que seria inaugurada naquele mesmo ano pelo engenheiro Saturnino de Brito, além de uma biblioteca pública. Deslocava-se o moço da paisagem marcada pelos *canaviais verdejantes, bananeiras em cachos soberbos, coqueirais sombrios, laranjais copados e bambuais esguios* para conviver com o circuito das diversões modernas. Era a cidade grande acolhendo o estudante e já seu repertório literário marcado pelas leituras de *História de Carlos Magno* e dos livros de José de Alencar e Castro Alves. A permanência no Recife, entre 1915 e 1917, período da educação secundária no *Aires Gama* e posteriormente no *Ginásio do Recife* (como semi- interno), além de possibilitar a amplitude dos estudos formais (gramática, latim, história, geometria e trigonometria), da formação de laços de amizade que perdurarão por longos anos⁶, da atuação como líder estudantil, criando a *Sociedade Literária Álvares de Azevedo* e o jornal *A Paz*, certamente educou a maneira de o jovem transitar no espaço urbano e criar seus próprios mapas.⁷ O início da vida literária, a greve de fome contra a comida ruim do internado Aires Gama, a reprovação em geometria e trigonometria e o início de sua carreira jornalística afluem no mar de memórias de Inojosa. No recôndito dos esquecimentos ficaram suas impressões sobre a inserção nos ginásios do Recife. Uma rápida passagem, aliás, pois, a conclusão do ensino secundário foi realizada na Paraíba, no Liceu Paraibano.

⁵ Joaquim Inojosa de Albuquerque Andrade Lima nasceu em 27 de março de 1901, na Vila de São Vicente Ferrer, antigo povoado de Timbaúba, no Estado de Pernambuco, hoje município de São Vicente Ferrer. Maiores informações em Notícia biobibliográfica de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro: Editora Meio – Dia, 1975.

⁶ A exemplo do romancista José Lins do Rêgo e Manuel Onofre de Andrade.

⁷ As informações colhidas para construir a descrição acima estão presentes em Notícia Biobibliográfica de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia, 1975.

Aos dezenove anos, Joaquim Inojosa morava sozinho na cidade de Itabaiana, na Paraíba, numa casa de propriedade de Flávio Ribeiro Coutinho, chefe político local. Não pagava aluguel. Em face das dificuldades financeiras do pai, que havia deixado a cidade e ido morar com a família na sua fazenda Umari⁸, havia dispensado a mesada e estudava às próprias custas, advogando e fazendo jornalismo. Era estudante da Faculdade de Direito do Recife e por isso suas idas e vindas a Pernambuco eram constantes⁹. Era uma prática comum entre as famílias abastadas ou de chefe escolarizado de família encaminhar os filhos para cidades maiores onde pudessem seguir uma carreira. No Nordeste, a Faculdade de Direito do Recife ou a Faculdade de Medicina da Bahia eram os tradicionais caminhos. Em pensões, morando sozinho ou em casa de algum parente, os jovens tinham nessas ocasiões, na maioria das vezes, suas experiências mais significativas e fundantes com o conhecimento, com as rotinas de estudo, a iniciante vida profissional e as relações de amizade. Saindo da casa dos pais, muitas vezes com a responsabilidade de alcançar uma condição social, econômica ou política melhor que a do progenitor, os jovens deparavam-se com a necessidade de adaptação ao meio urbano, com as exigências dos professores e de matérias mais complexas e a urgência de se tornarem (ou se tornarem mais) disciplinados e autônomos para os estudos. Se voltarmos à citação do início desse artigo, notamos a disciplina espartana, quase militar do jovem Inojosa. Horário de estudos, atividade física e conversa com amigos absolutamente cronometrados. Uma relação matematicamente organizada com o conhecimento e com o tempo era construída. Relação de prazer, mas, algumas vezes, de tensão:

Não sei por que um imenso torpor invade-me o ser. Acordo sempre cedo, levanto-me sem fadiga,mas ao abrir o livro e fixar nas páginas a vista, sinto uma revolta íntima dominar-me, abstraindo-me por completo do assunto, avessas as faculdades assimiladoras a qualquer esforço prolongado. Que será? Variações do clima? Não. Doenças? Não. Pensamento voltado para alguma deidade? Também não. É a alma enfastiada, revoltada contra a confusão atual de estudos que lhe não permitem especialização; é a dúvida no espírito vacilante, vendo diante de si vários caminhos a seguir e com o imperioso dever de

⁸ A fazenda Umari estava situada no município de Umbuzeiro, no estado da Paraíba. Além da crise econômica, a família havia se envolvido nas disputas políticas locais, forçando sua saída da cidade.

⁹ Em 1919 ingressou na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se em 1923.

segui-los todos. Prejudica-me sobretudo o não poder rumar a inteligência por um ponto só, vendo ao longo o escopo a atingir. (...) Há dias até em que odeio os livros e ao vê-los sinto um ódio por todos, sem uma página que me possa tirar desse abatimento, desse estado d'alma que não compreendo. São os naturalíssimos momentos de transitórias doenças do espírito (INOJOSA, 1959:277).

O *fastio da alma* mencionado pelo estudante acentuava-se ainda mais por sua permanência numa cidade como Itabaiana que não oferecia o clima cultural dos teatros, livrarias e cafés do Recife, onde, normalmente na rua do Imperador, em companhia do irmão Aluísio e dos amigos José de Assis, Arnaldo Lélis e Cussy júnior, “discutia-se, conversava-se e divergia-se”. Não havia em Itabaiana “o progresso correndo nas veias da cidade”, nem os encontros importantes como os que teve com Mário Melo, “vibrante jornalista”. Foi em Recife que assistiu a conferência do “grande estadista” Nilo Peçanha, durante campanha presidencial e era em Olinda, nas suas praias, que podia encontrar-se com a mocidade recifense para ouvir música, namorar e passear praia a fora. Em vários trechos do *Diário* reclamava do *calor caniculante*, da poeira insuportável, da monotonia de vida e do *rotineirismo “audaz” e evolutivo* da cidade. A escrita no “livro íntimo”, inclusive, era mais freqüente nos períodos em que estava nesse município, incitando o registro de seu convívio com jovens, políticos ou autoridades locais. Dividido entre as aulas da Faculdade de Direito, que pouco freqüentava devido a sua precoce atuação profissional em Itabaiana como defensor público¹⁰, as muitas leituras curriculares exigidas e suas predileções literárias, o jovem, no mais das vezes, deixava suas queixas nas páginas do seu “*bom amigo*.” Havia pouca afinidade entre Inojosa e os *lentes* da Faculdade de Direito. A “distinção” nos exames orais nem sempre era alcançada. Suas queixas eram dirigidas a cultura meramente enciclopédica, livresca, memorialística e sem teoria dos docentes e de alguns bacharelandos. Apesar dos desencontros com os mestres, do embate entre a cultura dos moços e dos velhos da época, a Faculdade de Direito do Recife era um espaço privilegiado não só de instrução formal, mas, principalmente, de aprendizado político e de construção de afinidades e diferenças entre os jovens dos anos vinte. Além de lugar da realização de exames e da audição de *enfadonhas* aulas, era a Faculdade o palco de muitas das rivalidades políticas

¹⁰ Em 1920, na cidade de Itabaiana, onde passou a residir desde 1918, foi nomeado advogado dos presos pobres da prefeitura municipal.

dos anos vinte na cidade, das quais muitos dos estudantes não se furtaram em assumir como suas. Até porque muitos eram “filhos de algo”, oriundos das famílias dominantes da região Nordeste, que valorizavam o bacharel como homem necessário para tratar dos interesses da administração e da economia, no que tocava aos seus aspectos legais e de estrutura.

De toda forma, ressaltamos que, ao que parece, a Inojosa não bastava a sua permanência nos quadros discentes da Faculdade para assegurar sua posição no meio intelectual. Seu projeto de “vencer na vida” era pautado no que denominou *trilogia eugênica*: “Comigo isso dá-se, que procuro em tudo, educar a vontade, sobretudo não fumando, não jogando, não bebendo, os três vícios da humanidade, calculemos os que não educam sua vontade! (INOJOSA, 1959: 358). Autonomia, determinação, *diretriz de consciência* são sentimentos valorizados e ressaltados tanto nas descrições do cotidiano quanto nas reflexões deixadas aos domingos no diário. Além das horas em casa dedicadas as leituras e a escrita, a sua estratégia de formação incluía ainda a aquisição de muitos livros. Embora se queixasse *das dificuldades financeiras para se manter*, o jovem não perdia a oportunidade de circular e comprá-los nas livrarias de Recife e Paraíba. Sua escrita íntima, os relatos de estudantes marcados nas páginas do caderno de anotações, denotam uma maneira de relacionar-se com os estudos muito próxima da idéia de batalha, travada dia-a-dia, com cada passo meticulosamente planejado e cotidianamente estimulado. Suas reflexões aos domingos deixam bem essa impressão: “Quem não ousa, se não heroiciza. Não quero chegar a tanto, mas terei o prazer de realizar o ideal de moço (INOJOSA, 1959: 44). (...) “Se não lutar não venceremos. A luta é condição essencial da vitória na vida. Duas forças, sobretudo, requer: energia e força de vontade. Pela força de vontade, caminha-se; pela energia de vontade levanta-se a cabeça; pela energia, impõe-se o que ela pensa. A felicidade, nesse caso, é sempre o que se procura (INOJOSA, 1959: 101).

Seus registros e reflexões delineiam diferenças e constroem traços identitários para esse sujeito do *mundo das letras*. Coragem, razão, paciência, disciplina, determinação, energia, vontade e força são vocábulos recorrentes nas reflexões sobre o estudar e constroem um perfil do estudante de direito, amante das letras, atento a cultura e a política da sua época. Emerge a figura do sujeito que traça seu próprio destino, que dita o ritmo e as circunstâncias do viver e que, claro, não descuida de registrar cada

tomada de decisão na construção de seu percurso: “Levantei cedo, recordando-me das palavras de Rui Barbosa, mais ou menos estas: ‘O amanhecer do trabalho deve antecipar-se ao amanhecer do dia. Curtos se fizeram os dias para que os duplicássemos, madrugando” (INOJOSA, 1959: 224).

A percepção deixada sobre o *ser estudante* reforça a idéia do sujeito abnegado a uma causa: ser intelectual. Estão por toda parte no diário as marcas sobre a construção desse sujeito no mundo e da delimitação das suas diferenças e estranhamentos com os *outros* e com esse próprio mundo. A relação com os livros e o seu encontro com o pensamento científico do período permitem que construa suas próprias lentes para *esquadrinhar* o cotidiano. Nos poucos registros deixados sobre a vivência em família, sobre as idas a Umari, no município de Umbuzeiro, percebemos os embates e maneiras de percepção de si e da gente do interior mediados pela leitura de Euclides da Cunha, autor de *Os Sertões* e de *Contrastes e Confrontos*. Ressaltamos que a leitura de *Os Sertões* de Euclides da Cunha direciona o olhar de muitos jovens da geração de Inojosa. O historiador Nicolau Sevcenko, destaca que Euclides da Cunha possui igualmente vivos em si, com o mesmo calor, exatamente os dois mundos que se negavam um ao outro, de forma tão inexorável que um só poderia subsistir à custa da morte do outro. “Eram dois tempos, duas idades que se opunham pela própria raiz da sua identidade: século XIX literário, romântico e idealista; e o século XX, científico, naturalista e materialista” (SEVCENKO, 2003:159). Muitos dos autores e obras lidos nas primeiras décadas do século XX no Brasil, principalmente os nacionais, trarão essa marcada de homens formados em tempos de transição de modelos de pensamento, de cenários urbanos e de regimes políticos.

Além de Euclides da Cunha e Rui Barbosa, o repertório intelectual de Inojosa era formado por muito outros autores, nacionais e estrangeiros. Alguns dos nomes mais citados no diário são: Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Emilie Zola, Stuart Mill, Shopenhauer, Coelho Neto, Gorki, Shakespeare, Faguet, Planiol, Ribas, Gide, Renan, Eça de Queiroz e Oliveira Lima. Uma eclética biblioteca emerge das páginas do Diário. Livros técnicos (direito, história, filosofia) e de literatura figuravam na sua rotina de estudos. Eram lidos e consultados, na maioria das vezes, de forma simultânea, sem o compromisso de uma conclusão de leitura datada. Seguia, talvez sem saber, as indicações de Francis Bacon em *Of Studies*: “alguns livros são para serem

experimentados, outros para serem engolidos, e alguns poucos para serem mastigados e digeridos” (PALLARES-BURKE, 2005: 103). Seguindo as entradas dos registros diários, notamos como a leitura de certos autores arrastava-se por vários meses, era abandonada pelo caminho ou não era mais digna de registrado. As leituras não eram direcionadas apenas a formação do bacharel e escritor, a uma formação, digamos, exclusivamente profissional. Nas suas andanças pelos textos, Inojosa buscava motivação e força nos livros. Os autores são apropriados pelo jovem Inojosa, educam seu olhar e direcionam seus posicionamentos sobre o mundo. Ao longo de suas reflexões registradas aos domingos, notamos como um autor como Samuel Smiles repercutiu no jovem estudante. Biografias e livros de aconselhamento se uniam na obra desse inglês vitoriano, um dos conselheiros de maior público. Sua obra *Self-Help*, traduzida no Brasil como *O Poder da Vontade*, respondeu a muitos dos anseios e ansiedades de Inojosa. Era fundamentalmente coleção de anedotas sobre os grandes homens, às vezes, mini-biografias, concebidas para ilustrar o argumento fundamental de Smiles: os recursos necessários para o sucesso na vida estão no nosso interior. Smiles exemplificava com frases admiráveis e histórias extraordinárias da vida dessas pessoas o trabalho duro, a autoconfiança, o domínio das paixões, o controle racional sobre o uso do tempo e do dinheiro (GAY,1999: 181). As impressões do jovem sobre o livro ficaram registradas:

Termino a leitura do “Poder da Vontade”, de Samuel Smiles. É um livro admirável, de moral acessível. Todo ele parece resumir-se no conceito de Stuart Mill, que o autor cita na primeira página: “Se bem refletirmos, reconheceremos que a valia de um Estado provém da valia dos indivíduos que o compõem”. A perseverança de Palissy e a vida de São Francisco Xavier são admiráveis pela constância, pela resignação e força de vontade. As biografias todas são exemplares. Quem compreender, assimilar Smiles, e lutar, vencerá na vida. O Oscar Lira, em conversa, disse não apreciar por ser moralista demais. É que o amigo está ainda compenetrado dos sentimentos burgueses da atualidade. Apreciei muito e muito aprendi nesse livro. E é uma das obras que pretendo reler em breve, para renovar a impressão de hoje (INOJOSA, 1959: 22).

Leitor exigente e crítico, Inojosa deixa registros de suas predileções e críticas nas páginas do “*íntimo amigo*”. Demonstra certa impetuosidade e mesmo arrogância diante de escritores já consagrados e as leituras realizadas são, em sua maioria, seguidas de comentários e impressões sobre os autores e os livros. É importante destacar que a crítica literária será exercida por Inojosa na imprensa durante toda a sua vida e atuação profissional e mesmo algumas de suas publicações posteriores na imprensa serão alimentadas por suas *reflexões*. Seus *usos* de alguns autores, as marcas deixadas por algumas das leituras, além de suas considerações sobre a cultura intelectual estão no *Diário*.

Ressaltamos que a leitura, a compra de livros, a escrita, a apropriação e criação do pensamento pelo jovem Inojosa antes de ser uma estratégia singular de formação intelectual, torna-se condição de inserção no campo social e na profissão intelectual. Suas errâncias e inventividades, seus encontros e desencontros com os autores, seus *usos* dos textos nos indicam como esse sujeito aprende e apreende princípios de um estilo de vida e do gosto das camadas intelectuais da década. O estudante circulava no espaço urbano e nos ambientes de formação onde o capital cultural e intelectual começava a ganhar maior importância no jogo das trocas políticas e profissionais. Conforme o sociólogo Sergio Miceli, se na Primeira República o recrutamento dos intelectuais se realizava em função da rede de relações sociais que eles estavam em condições de mobilizar e as diversas tarefas de que se incumbiam estavam quase por completo a reboque das demandas privadas ou das instituições e organizações da classe dominante, a cooptação das novas categorias de intelectuais depende do capital das relações sociais, mas passa cada vez mais a sofrer a mediação de trunfos escolares e culturais, cujo peso é tanto mais quanto mais se acentua a concorrência no interior do campo intelectual (MICELI, 2001:79).

Joaquim Inojosa dispunha de variadas moedas para negociar sua inserção e permanência no campo intelectual da década de vinte. Além do capital cultural construído com *ousadia e energia* dispunha de uma ampla rede de amigos influentes em cargos políticos e nas redações dos jornais. Ousadia, energia e amizades alicerçaram a construção de sua atuação profissional. Graças às relações de amizades, algumas delas herdadas da família, pôde o jovem manter seus estudos dividindo-se entre Pernambuco e Paraíba, hospedando-se muitas vezes na casa de amigos e familiares, graças aos bons

contatos conseguiu aos 20 anos o cargo de promotor público e muito cedo deu início a sua atuação nos jornais e revistas dos dois estados, publicando crônicas, críticas, resenhas e contos. Apenas a almejada educação no Rio de Janeiro figura como um dos poucos objetivos não atendidos por sua rede de contatos. No início de 1920, havia o jovem escrito carta ao doutor Antonio Pessoa Filho, conterrâneo que morava na capital do país, solicitando um emprego no Rio de Janeiro e expressando seu desejo de estudar nessa cidade. Foi dissuadido pelo amigo.

Mas, ao terminar a leitura de “A Conquista” de Coelho Neto, em que o autor relembra os tempos de boemia no Rio de Janeiro com Aluísio e Artur Azevedo, Guimarães Passos, Olavo Bilac, entre outros, Inojosa em meio às críticas ao livro e até mesmo às construções de português desse escritor, deixa escapar: “Ao terminá-la senti-me com pruridos de realizar um grande e elevado ideal, que me persegue de há muito: habitar o Rio de Janeiro. Hei de fazer, pois, só em meio adiantado como esse poderei acendrar ao espírito, pela convivência com os homens de talento e incentivo do ambiente em que vivo” (INOJOSA, 1959: 33).¹¹

A verdade é que o jovem tinha poucos motivos para reclamar de suas relações sociais. Oriundo de família empobrecida, por meio dos estudos, da mobilização do capital social, da “reconversão social” na expressão de Miceli, Inojosa consegue transitar nas camadas dirigentes e poderosas de Recife, Paraíba e Itabaiana, construindo na profissão intelectual um terreno de refúgio, se livrando das ameaças de rebaixamento social, se desgarrando do seu ambiente de origem (MICELI, 2001). Além da ansiedade de deslocar-se para o Rio de Janeiro, da vontade de se desvencilhar das matérias da Faculdade de Direito, do desejo de poder especializar-se e seguir seus próprios interesses intelectuais, o jovem Inojosa convivia com a incerteza de publicar seus escritos em forma de livros, o que o afligiu durante meses em 1920. Não foram poucos os esforços e as dificuldades para publicar *Tentames*, contendo 16 contos e um posfácio, escritos, segundo o escritor, entre os 15 e 18 anos. Numa época de mercado editorial reduzido e de elevados preços para publicações, com as típicas edições dos autores, praticamente auto-financiadas, a mobilização do capital social do estudante tornou-se fundamental para a realização de seus intentos editoriais. Os contos foram enviados a

¹¹ Sua transferência definitiva para o Rio de Janeiro se dará em 1930, segundo escritor, por motivação política relativa aos acontecimentos da Revolução de 30 em Pernambuco.

João da Mata Correia Lima, intelectual da Paraíba do Norte que, como a maioria dos homens de letras da época, atuava na imprensa, no jornal Correio da Manhã. O jovem solicitava urgência na leitura e crítica imparcial, além de uma apreciação como prólogo. Apesar de decidido a publicar o livro, em várias entradas do diário o jovem condiciona esse fato a sua condição econômica:

Antolha-se-me grande dificuldade: o Batista quer me tirar 500 volumes por 600\$000; a “Torre Eiffel”, por 800\$000. Ora, cara assim a impressão, já não é tão fácil a publicação. O dr. Flávio, dias há, me ofereceu o que precisasse. Se necessário for, servir-me-ei da oferta do lealdoso amigo, a quem o dedico (INOJOSA, 1959: 36).

Recebi carta de João da Mata comunicando estar pronto o “Tentames”. Surge-me sempre a mente a dificuldade de publicação pela exorbitância de preço. O Olívio Lira há pouco me disse que estaria pronto para auxiliar no que fosse preciso. É mais uma prova de dedicação do lealdoso amigo. O Oscar Lira o quer ler ou ouvi-lo para externar-se pela “A Notícia” com antecedência (INOJOSA, 1959:44).

Além de nos indicar o quão essencial foi a contribuição dos “lealdosos amigos” para a publicação do primeiro livro de Inojosa, os trechos acima, complementados pelas notas do autor, dão conta da sua rede de relações. Algumas delas foram fundamentais para a sustentação da sua condição de estudante, quando de suas idas ao Recife, para prestar exames na Faculdade, comprar livros e se socializar com os jovens de sua idade. Outras para sua projeção no campo profissional e para a legitimação de sua condição de jovem escritor. No Recife, recorrentemente ficava na casa da família de Antonio Paredes, natural de Timbaúba, compadre de seu pai, ou então se hospedava na casa de Francisco Trindade, magistrado, rico e seu primo. A situação de “forasteiro audaz”, de beneficiário de favores de amigos e familiares denota a situação de “posição em falso”, para usarmos a expressão de Miceli, comum aos sujeitos nas décadas iniciais da República que almejavam a mudança de lugar social por meio dos estudos. Em alguns trechos do Diário as tensões que permeavam essas relações insurgem.

Seu “maior amigo”, Flávio Ribeiro Coutinho, era chefe político em Itabaiana e gerente da Usina São João. Em 1959, quando da publicação do Diário, era o atual governador da Paraíba. Olívio de Andrade Lima, “bom e querido amigo” era

comerciante na época e em 1959, desembargador do Estado do Espírito Santo. O coronel Manuel Joaquim de Araújo, “*amigo dos mais corretos*” que conheceu, era prefeito de Itabaiana e proprietário do jornal semanário “A Notícia”. Além de oferecer-lhe em certa ocasião a oportunidade de dirigir o jornal, foi responsável pela sua nomeação como advogado interino no município de Itabaiana, possibilitando que o jovem “se atirasse na vida pública”. No quadro que emerge das páginas do Diário, figuram como mecenas do jovem estudante. Mas, além de financiar o “ideal de moço”, Flávio Ribeiro desempenhava importante papel na inserção de Inojosa nos círculos sociais e políticos do estado da Paraíba. O amigo sempre era apresentado a uma ampla rede de profissionais (engenheiros, jornalistas, médicos) e autoridades (coronéis, deputados, governadores e até mesmo candidatos a presidência do país), levado a passeios de automóveis (raridade no início da década), excursões ao interior do estado, almoços e toda a sorte de eventos sociais. Flávio Ribeiro possibilitava ao estudante outra formação, não a livresca, mas, a da experiência. É óbvio que não podemos deixar de ressaltar os méritos do jovem na manutenção dos laços construídos, mas, sem dúvida, ter essa espécie de preceptor foi fundamental para seu bem-sucedido trânsito na elite política e intelectual local e na posição que posteriormente ocupará nesse sistema de relações. A historiadora Angela de Castro Gomes indica em suas análises das relações entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre como era comum a mobilização mútua de serviços, de trocas de favores e pedidos como conselhos, livros emprestados, cartas de recomendação e apresentação de amigos (GOMES, 2004: 51-76). Essas redes de amizades, portanto, nos mostram como os sujeitos mobilizam seu capital cultural, social e político para a concretização de seus ideais. Com o nosso estudante não era diferente.

Não resta dúvida de que Inojosa admirava João da Mata, que confiava no talento do amigo, “*críterioso, sincero e algo estudioso*”, que se dedicava “*com afã à nossa língua, procurando conhecer-lhe todos os meandros*”. No entanto, muito provavelmente, a posição profissional de Mata, editor de Jornal, “*brilhante espírito da Paraíba*”, partícipe da camada dirigente teve um peso decisivo na escolha feita pelo estudante. Ressaltamos que muitas vezes os registros do moço davam conta de sua convivência nas redações dos jornais de Recife e Paraíba. Eram ocasiões não apenas de conversas sobre a política da época, sobre a ciência e a literatura, mas, em muitos casos a possibilidade de ser ouvido, de demonstrar e comparar seu repertório cultural e,

sobretudo, a oportunidade de “cavar” alguma posição profissional ou mesmo um espaço de publicação numa coluna de jornal ou revista. Conforme afirma a historiadora Angela de Castro Gomes, “não é tanto a condição de intelectual que desencadeia uma estratégia de sociabilidade e, sim, ao contrário, a participação numa rede de contatos é que demarca a específica inserção de um intelectual no mundo cultural” (GOMES, 2004:51). Inojosa estava envolvido em um círculo de sociabilidade que ao mesmo tempo o situava no mundo cultural e lhe permitia interpretar o mundo político e social do seu tempo. Marcar através da escrita sua inserção no mundo da cultura e da política foi a estratégia definida pelo estudante.

Em meio a toda mobilização para publicação de “Tentames”, os registros nos Diários são comprometidos. De 26 de agosto até 9 de outubro de 1920, o “*bom amigo*” foi deixado de lado. As leituras e exames do curso de Direito, as obrigações como promotor público, os arranjos para publicar seu livro e mais o compromisso assumido de publicar semanalmente no Correio da Manhã podem ter contribuído para a suspensão das entradas. Após esse intervalo de tempo, os registros diários voltam e o estudante compartilha com seu “*íntimo amigo*” a recepção de seu livro, já publicado. Na Paraíba, em Recife e mesmo em Timbaúba críticas foram publicadas na imprensa. As dos jornais da Paraíba foram todas “as mais agradáveis possíveis”, exortando o jovem a não desprezar o caminho das letras. Já o “Jornal do Comércio” ressaltou a sua “grande vontade de escrever”, mas, observou tratar-se de temas “gastos e banais”. A crítica foi feita por seu futuro companheiro Austro-Costa, nesse momento desconhecido de Inojosa. E “A Serra” de Timbaúba deu uma *pequena notícia*, segundo o escritor, *na qual se bem antevê a pontinha de despeito do deusinho de lá, o diretor do mesmo jornal*. Tratava-se de Jáder de Andrade, chefe político da região. O tom dos registros sobre a realização do grande sonho do jovem, a publicação de seus escritos, não é tão entusiástico quanto se pode imaginar. Parece que o estudante, um pouco frustrado por não ter sido recebido com maior calor pela crítica, estrategicamente, recorda sua condição ainda de aprendiz, reservando nas suas memórias um lugar humilde e confortável para essa primeira aventura no mundo das letras:

Eu, intimamente falando, se bem refletisse não teria publicado o tal livro. Por não ter resultado prático, por evitar, mais adiante, pequenas falhas em que, involuntariamente, incorri e, sobretudo, pela

conveniência de firmar meu nome nas letras após determinada cultura e razão mais bem envolvida. Já que esta, aos seus dezoito anos, me não auxiliou em tomar tal resolução, consinto que o meu filho vá por aí fora vagabundando, sujeito ao apôdo de uns e a benevolência acolhida de outros, sofrendo até o dia em que mais forte irmão venha amparar, se para tanto não me faltarem as imprescindíveis energias. Meu bom amigo: conserva em tuas páginas esta confiança sincera; não a reveles a ninguém, sob pena de inimistarmo-nos fígadalmente (INOJOSA, 1959:66).

Mas, por que tanta tristeza pela morna recepção do seu livro na imprensa? Que “resultados práticos” aguardava Inojosa? Para entendermos sua reação, precisamos compreender que a imprensa na República Velha era um mecanismo de consagração e legitimação de escritores e literatos, um espaço necessário a ser ocupado e dominado para uma trajetória de sucesso. Não apenas um instrumento de visibilidade, mas, concretamente, um lugar de intervenção social, uma verdadeira arena de interesses, onde intelectuais e classe dirigente atuava. Além disso, ao almejar e se mobilizar para alcançar o reconhecimento como escritor, Inojosa empreendia a busca pelo capital social necessário para se mover na ausência do capital financeiro não herdado de sua família.

As ansiedades e os ressentimentos do estudante adivinham não apenas de sua estréia nas letras, mas, muito provavelmente, dos muitos compromissos políticos, intrigas e posições em falso a que estava submetido por suas redes compadris. Embora no Diário sua escrita procure delinear a imagem de um indivíduo autônomo e individualista, que por seus próprios méritos realiza seus objetivos e distancia-se dos sujeitos em seu entorno, em termos práticos, as condições históricas e as contingências de uma vida de estudante pobre mostram-nos outros terrenos por onde esse indivíduo transitava. Inojosa estava enfronhado na política de Itabaiana e Paraíba e sua íntima relação com Flávio Ribeiro nem sempre era bem vista pelos parentes de Eptácio Pessoa, então na Presidência da República e “manda-chuva” da política paraibana. Por isso, em 1920, ao ser indicado por seu amigo como representante de Itabaiana para receber Sólton de Lucena, eleito governador da Paraíba, vindo do Rio de Janeiro para tomar posse do cargo, não obteve também o reconhecimento e saudações que

esperava.¹² A representação de estudante recluso e imerso no mundo dos livros que a primeira vista surge no Diário se esvai gradativamente ao acompanharmos a trajetória de Inojosa no meio urbano. Intensa e recorrente era sua presença nos eventos políticos da cidade, uma prática social fundamental na sua formação, haja vista entendermos como aponta Renato Janine Ribeiro, o intelectual como o sujeito da ágora, do mundo público (RIBEIRO, 2006:141). No entanto, mapeando as andanças do moço no mundo da política encontramos no diário os registros de suas angústias e dos limites impostos pela rede na qual estava inserido.

Inojosa buscava um lugar próprio, uma página em branco onde pudesse construir e gerir seus próprios quereres, como diz Certeau, um lugar “desenfeitado das ambigüidades do mundo”. Entrecruzado por diferentes práticas e discursos, se posicionando em diversos contextos e representando os papéis colocados pelas condições sociais e políticas do momento, Joaquim Inojosa se formava intelectualmente, construía sua gramática cultural, encontrava-se com o mundo e construía sua maneira própria de mediar os valores éticos, estéticos e políticos do presente e passado. Apesar de concluir sua formação de bacharel e mesmo de exercer profissionalmente a carreira de advogado, a escrita na imprensa será o artefato para edificar seu lugar próprio na paisagem cultural da década de 1920.

Bibliografia

Fontes:

INOJOSA, Joaquim. Livro íntimo. Diário de um estudante (1920-1921). Volume 1º. Rio de Janeiro: Editora Férias. 1959.

_____. Notícia Biobibliográfica de Joaquim Inojosa. Rio de Janeiro: Editora Meio-Dia, 1975.

BARROS, Manuel de Souza. A década 20 em Pernambuco: uma interpretação. Rio de Janeiro: Editora Acadêmica, 1972.

Livros, artigos, dissertações e teses:

ANDRADE, Manuel Correia de. Pernambuco Imortal: os caminhos da modernidade. Vol. 10. Recife: Jornal do Commercio, 1995.

¹² Sua frustração ocorreu no encontro com o sobrinho do presidente da República, Joaquim Pessoa. O encontro está registrado em 10 de outubro.

- BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Vol. 1. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.
- GAY, Peter. O coração desvelado: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. A educação dos sentidos: a experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- GOMES, Angela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: GOMES, Angela de Castro (org.). Escrita de si: escrita da história. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. In: Projeto História. 17. Novembro de 1998.
- MICELI, Sérgio. Intelectuais à brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2001
- NOVAES, Adauto (org.). O silêncio dos intelectuais. São Paulo: Cia das Letras, 2006.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Gilberto Freyre: um vitoriano nos trópicos. São Paulo Editora Unesp, 2005.
- REZENDE, Antonio Paulo. Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte. Recife: Fundarpe, 1997.
- RIBEIRO, Renato Janine. O cientista e o intelectual. In: NOVAES, Adauto (org.). O Silêncio dos intelectuais. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultura na Primeira República. São Paulo, Companhia das Letras. 2003.
- TEIXEIRA, Flávio Weinstein. As Cidades Enquanto Palco da Modernidade: O Recife de Princípios do Século. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História. Recife: UFPE, 1994.